



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

26 de dezembro de 2016

Notícias do Dia Opinião

“Pela ciência e lazer”

Pela ciência e lazer / Itacorubi / Ilha de Santa Catarina / Lagoa da Conceição / Acaresc / Epagri / Cetre / Parque Jardim Botânico / Centro de Ciências Agrárias / UFSC / Mangue

PELA CIÊNCIA E LAZER

Faz somente 60 anos que o Itacorubi era uma área rural na Ilha de Santa Catarina. Nela se encontrava pouco mais que uma dúzia de casas simples no estilo colonial português/açoriano. Na beira da estrada de terra que demandava à Lagoa da Conceição, vacas, cabras e cavalos pastavam presos com cordas de 10 a 20 metros. Em menos de uma geração a bucólica paisagem do Itacorubi transformou-se num amontoado de “arranha-céus”, resultante da desenfreada urbanização que vem desfigurando a Ilha.



Glauco Olinger
Engenheiro agrônomo

No início da década de 60, a ex-Acaresc (hoje Epagri) instalou em terra pública, então existente no bairro, o Cetre (Centro de Treinamento) para capacitação de técnicos e produtores rurais. A pressão urbana forçou a paralisação das atividades de campo do Cetre (cultivos e criações), porém uma área livre foi preservada, a custo de corajosa reação contra o loteamento. Nessa área de campo remanescente está sendo implantado o Parque Jardim Botânico. A denominação do empreendimento suscita duas atividades distintas, embora possam e devam ser harmônicas e complementares.

Ao Jardim Botânico cabe, prioritariamente, o estudo de plantas de todas as origens, com

preferência para as de interesse econômico, ressaltando as medicinais. Trata-se de tema científico que por logística operacional (competência e custos) deve ser atribuído ao Centro de Ciências Agrárias da UFSC, ali já instalado. O parque destina-se ao lazer da população, com base na existência de gramados, árvores de sombra e frutíferas para atração do passaredo, flores e outras plantas ornamentais, tudo bem cuidado mediante adubação, podas de limpeza e irrigação quando necessária. E o lago com peixes e aves aquáticas.

Um conjunto que, somado ao Jardim Botânico, assegurará a biodiversidade na área verde. As trilhas e pistas deverão ser exclusivas para caminhadas, correrias e veículos movidos a força humana, com exceção para os cadeirantes motorizados.

No manguezal, passarelas e trilhas devem ser evitadas. A entrada no mangue deve ser exclusiva para cientistas (professores e pesquisadores) que estudam aquele frágil, porém, importantíssimo bioma.

Finalmente, na área do Parque Jardim Botânico não deve haver lugar para estacionamento de veículo motorizado. O automóvel não deve ocupar o lugar de uma árvore, de um canteiro de flores ou de um metro quadrado de grama. E que sejam de madeira as futuras construções, para prestigiar nossa indústria florestal e a ecologia.

A Notícia Sua Vida

“Mercado para maiores de 60 anos”

Mercado para maiores de 60 anos / Reforma da Previdência Social /
Legislação trabalhista / Governo federal / Aposentadoria / Universidade
Federal de Santa Catarina / UFSC / Eduardo Humeres / Estatuto do Idoso /
Departamento de Ciências da Administração Eduardo Bosquetti / Mercado
de trabalho

SUA VIDA | CARREIRA

Mercado para maiores de 60 anos

Especialistas apontam a necessidade de mudanças na legislação trabalhista para encarar nova realidade

CAIO CIGANA E
GABRIELE DUARTE

O cenário traçado para o Brasil nas próximas décadas de transformação do mercado de trabalho pela transição demográfica foi reforçado pela proposta de reforma da Previdência posta na mesa pelo governo federal. Além de o País estar em uma transição acelerada rumo à mudança de um perfil de nação jovem para uma população mais madura, a fixação de idade mínima de 65 anos para se aposentar no regime geral, aliada à necessidade de contribuir por 49 anos para ter direito a 100% do benefício, devem fazer com que um número cada vez maior de pessoas atravesse a terceira idade na ativa.

Para ter direito ao valor integral, hoje limitado ao teto de R\$ 5.189,82, será necessário, em muitos casos, permanecer na labuta após os 70 anos. O aumento forçado do contingente de trabalhadores de cabelos brancos traz muitas perguntas ainda sem res-

posta definitiva.

Onde essas pessoas vão trabalhar? Como deverá ser a adaptação das empresas? De que forma sexagenários e septuagenários conseguirão se manter produtivos? Como absorver jovens e idosos ao mesmo tempo?

O sociólogo José Pastore, professor da Universidade de São Paulo (USP), vê um imenso desafio pela frente. Além da premissa de que a economia crescer para que os empregos sejam gerados, seriam necessárias reformas adicionais em outras áreas, a exemplo do que ocorreu em mercados mais maduros, como nações da Europa e o Japão. Uma necessidade será adaptar a legislação que rege as relações de trabalho, sustenta Pastore.

— Nesses países, foram feitas várias inovações, criando modalidades de contratações, como o trabalho intermitente. Com essas mudanças na legislação, essas nações conseguiram acomodar melhor os idosos, mas isso não quer dizer que conseguiriam resolver o problema — afirma.



COM TODO O PIQUE

Pedro tem 66 anos e diz que não consegue pensar em ter uma vida de aposentado, a não ser nas férias

VIVENDO MAIS

PERCENTUAL DE IDOSOS NO
BRASIL (EM RELAÇÃO AO
TOTAL DA POPULAÇÃO)



PRINCIPAIS PONTOS DA REFORMA

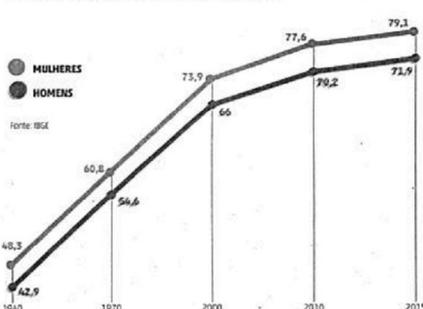
Cria a idade mínima de **65 anos** para se aposentar.

Para ter direito a **100%** do valor do benefício, hoje limitado ao teto de **R\$ 5.189,82**, será preciso ter **49 anos** de contribuição.

Será possível se aposentar com **25 anos** de contribuição, mas nesse caso receberá **76%** do benefício, percentual que vai subindo conforme o acúmulo de anos de contribuição.

Essas regras valem para homens com menos de **50 anos** e mulheres com idade inferior a **45**. A partir dessas faixas, haverá transição e as mudanças serão um pouco mais brandas.

EVOLUÇÃO DA EXPECTATIVA DE VIDA NO BRASIL (EM ANOS)



Prazer pelo trabalho em qualquer idade

O administrador Pedro Pereira Gomes, 66 anos, conquistou o direito à aposentadoria em 2008, após trabalhar por sete anos na Secretaria de Estado da Saúde e, depois, por 30 anos como concursado na Eletrosul. Diferentemente da maioria dos amigos da mesma geração, que já encerraram as atividades no mercado de trabalho, ele continua atuando na estatal.

O homem de cabelos brancos sequer pensa em levar uma vida tradicional de aposentado, a não

ser no período de férias, quando costuma viajar com a esposa.

— Nunca pensei em parar. Tento me manter trabalhando, mas também sempre dignificando o trabalho, porque gosto. Se tiver que sair, vou procurar outro emprego — promete Pedro, enquanto enumera as ações que fazem com que se sinta ativo: oito horas de sono, futebol semanal, alimentação saudável e vida sem exageros.

Incrementar a aposentadoria que recebe também faz com que a

copeira Lourdes Adriano, 80, continue trabalhando. A manutenção da atividade social é outro incentivo. Contratada aos 50 anos por uma terceirizadora de serviços gerais, ela soma três décadas em órgãos públicos. Da limpeza, migrou para o cafezinho e, por vezes, atua até de mamãe Noel.

— Se eu contasse só com a aposentadoria, pagaria apenas água, luz e telefone. Com esse adicional, arrumo a casa, saio para dançar e até participo de escola de samba.

Realidade desigual preocupa especialistas

O economista, mestre em sociologia política e gestão em políticas públicas Eduardo Guerini defende que a ideia do idoso ativo no mercado de trabalho, além de falsa, tem impacto perverso.

— Não existe velhinho esportista aos 80 anos. Só no topo da elite brasileira. A maior parte chega aos 60 anos doente. Chega um tempo da vida que é preciso desfrutar. Mas desfrutar com um salário mínimo, como acontece com 90% dos beneficiados, acaba sendo um desafio.

O pesquisador da Universidade Federal de SC (UFSC) Eduardo Humeres ilustra a elite mencionada por Guerini. Aos 84 anos, o químico aposentado continua publicando artigos científicos em revistas renomadas e orientando projetos de pesquisa, mas de forma voluntária, sem receber a mais por isso.

— Faço pesquisa, dou poucas aulas. Faz muita diferença em relação a outros professores, que precisam continuar dando aulas todos os dias para sobreviver

mesmo com idade avançada — pondera Humeres.

Por mais que o Estatuto do Idoso garanta o exercício da atividade profissional entre pessoas com mais de 60 anos, o professor do Departamento de Ciências da Administração da UFSC Eduardo Bosquetti lembra que a permanência dos mais velhos no mercado de trabalho gera uma disputa com as gerações mais jovens. Para ele, a reforma previdenciária pode aumentar o desemprego entre os mais novos.

“Em busca da fórmula do emprego aos 60 anos”

Em busca da fórmula do emprego aos 60 anos / Reforma da Previdência Social / Leis trabalhistas / Crescimento econômico / Brasil / Mercado de trabalho / Governo federal / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC / Eduardo Humeres / Estatuto do Idoso / Departamento de Ciências da Administração Eduardo Bosquetti

SUA VIDA | CARREIRA

DIÁRIO CATARINENSE,
SEGUNDA-FEIRA,
26 DE DEZEMBRO DE 2016 22

EM BUSCA DA FÓRMULA DO EMPREGO AOS 60 ANOS

PROPOSTA DE REFORMA da Previdência Social e transição demográfica do país ampliam desafio para a criação de vagas aos mais experientes. Mudanças nas leis trabalhistas e crescimento econômico são essenciais, afirmam especialistas

CAIO CIGANA
GABRIELE DUARTE

O cenário traçado para o Brasil nas próximas décadas de transformação do mercado de trabalho pela transição demográfica foi reforçado pela proposta de reforma da Previdência posta na mesa pelo governo federal. Além de o país estar em uma transição acelerada rumo à mudança de um perfil de nação jovem para uma população mais madura, a fixação de idade mínima de 65 anos para se aposentar no regime geral, aliada à necessidade de contribuir por 49 anos para ter direito a 100% do benefício, devem fazer com que um número cada vez maior de pessoas atravesse a terceira idade na ativa. Para ter direito ao valor integral, hoje limitado ao teto de R\$ 5.189,82, será necessário, em muitos casos, permanecer na labuta após os 70 anos.

O aumento forçado do contingente de trabalhadores de cabelos brancos traz muitas perguntas ainda sem resposta definitiva. Onde essas pessoas vão trabalhar? Como deverá ser a adaptação das empresas? De que forma sexagenários e septuagenários conseguirão se manter produtivos? Como absorver jovens e idosos ao mesmo tempo?

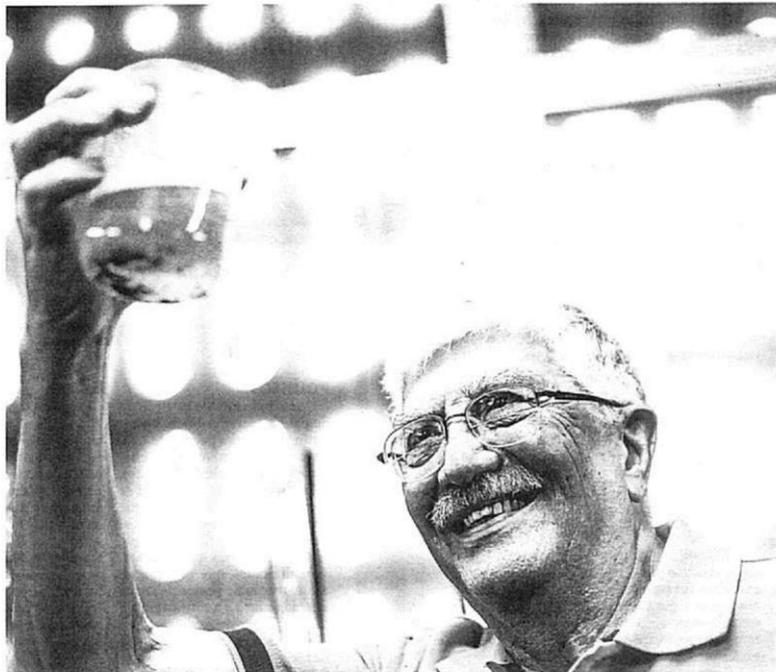
Especialista no tema do trabalho, o sociólogo José Pastore, professor da Universidade de São Paulo (USP), vê um imenso desafio pela frente. Além da premissa de a economia crescer para que os empregos sejam gerados, seriam necessárias reformas adicionais em outras áreas, a exemplo do que ocorreu em mercados mais maduros, como nações da Europa e o Japão. Uma necessidade será adaptar a legislação que rege as relações de trabalho, sustenta Pastore.

Nesses países, foram feitas várias inovações, criando modalidades de contratações, como o trabalho intermitente, o trabalho casual, por hora. Com essas mudanças na legislação trabalhista, essas nações conseguiram acomodar melhor os idosos, mas isso não quer dizer que conseguiram resolver o problema – observa.

EMPREENDEDORISMO E NOVAS FORMAS DE EMPREGO CRESCERÃO NO FUTURO

Como a evolução na área da saúde tem levado ao aumento da longevidade, os trabalhadores também devem ter vitalidade maior a despeito de idade mais avançada. Mesmo assim, o futuro do trabalho não será necessariamente assalariado e com carteira assinada, alerta Wolnei Tadeu Ferreira, diretor da Associação Brasileira de Recursos Humanos (ABRH). Formas alternativas de trabalho deverão crescer:

– As pessoas mais qualificadas poderão optar pelo empreendedorismo, oferecer seu conhecimento com consultoria ou dando aula. Quem é mais de baixa renda também pode ser um microempreendedor e desenvolver uma atividade na sua residência, na área de alimentação, como marceneiro, motorista, algo paralelo que dê uma renda capaz de complementar a aposentadoria. Uma pessoa poderá trabalhar para vários contratantes – exemplifica Ferreira. Especializado em mercado de trabalho, o pesqui-



O professor aposentado da UFSC Eduardo Humeres, de 84 anos, contribui de forma voluntária com pesquisas e aulas na universidade

sador Bruno Ottoni, da Fundação Getúlio Vargas, avalia que essa será uma transição que outros países já experimentaram e pela qual o Brasil também deve passar. Com o aumento da expectativa de vida, a capacidade laboral dos brasileiros também será mais longa, avalia Ottoni. Mesmo assim, será uma adaptação que deve gerar desconforto.

Quem atua no mercado financeiro poderá ter de virar motorista do Uber, e quem vive nas capitais talvez tenha de se mudar para o interior em busca de colocação, afirma.

– Os brasileiros se aposentam muito cedo. A média no Brasil, no sistema geral, é de 59 anos. Na Coreia do Sul, por exemplo, é de 61, e nos países da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), de 64 anos. Com 50 anos, a pessoa está no auge da produtividade – diz Ottoni.

Giácomo Balbinotto, professor de economia do trabalho da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, observa que a tendência para as próximas décadas, com a incorporação cada vez mais rápida da tecnologia, será a exigência de níveis de conhe-

cimento mais elevados para garantir colocação, mas com espaço para atributos como experiência e capacidade intelectual.

NOVA GERAÇÃO PRECISARÁ DE CONSTANTE HABILIDADE PARA LIDAR COM A TECNOLOGIA

Para isso, salienta, será necessário um grande salto na qualidade da educação, além da premissa de a economia crescer.

– Aposentadoria não deveria ser uma finalidade, mas algo que, por uma deficiência para o trabalho, como intelectual, visual ou motora, a pessoa tenha dificuldade de exercer o seu ofício, e que, com isso, não tenha condições de obter renda. E esse não é o caso de uma pessoa de 50 anos – afirma Balbinotto.

Diante do desafio à frente, Balbinotto sustenta que as gerações que serão a população madura do futuro devem, principalmente, “aprender a aprender” para não ficarem obsoletas e poderem se adaptar com maior naturalidade às constantes mudanças impostas pela tecnologia.

Prazer por trabalhar mesmo quando descansar seria opção

O administrador Pedro Pereira Gomes, 66 anos, conquistou o direito à aposentadoria em 2008 após trabalhar por sete anos na Secretaria de Estado da Saúde e, depois, por três décadas como concursado na Eletrosul. Diferente da maioria dos amigos da mesma geração, que já encerraram as atividades no mercado de trabalho, ele continua na estatal de energia. O homem de cabelos brancos nem pensa em levar uma vida tradicional de aposentado, a não ser nas férias, quando costuma viajar com a esposa.

– Nunca pensei em parar. Tento me manter trabalhando, mas também sempre dignificando o trabalho, porque gosto. Se tiver que sair, vou procurar outro – promete, enquanto enumera as ações que fazem com que se sinta ativo: oito horas de sono, futebol semanal, alimentação saudável e uma vida sem exageros.

Incrementar a aposentadoria também faz com que a copeira Lourdes Adriano, 80 anos, continue trabalhando. A manutenção da atividade social é outro incentivo. Contratada aos 50 anos por uma terceirizadora de serviços gerais, ela soma três décadas em órgãos públicos. Da limpeza, migrou para o cafezinho e, por vezes, atua até de Mãe Noel – não sem antes de acordar às 4h30min, sair de casa às 5h30min e caminhar da Costeira ao Pantanal, em Florianópolis.

– Ficar só aposentado também não dá, né? Se eu contasse apenas com a aposentadoria, conseguiria pagar só água, luz e telefone. Com esse adicional, arrumo minha casa toda, saio para dançar e até participo de escola de samba. Tenho saúde, graças a Deus, e só vou parar quando não aguentar mais – afirma.

Depois de décadas atuando como representante de laboratórios, Romário Santana Moreira, 80 anos, foi demitido e acredita que a idade avançada tenha sido o motivo. Hoje, é empacotador no supermercado Angeloni, que tem 250 colaboradores com mais de 60 anos nas 27 lojas de Santa Catarina devido a uma política implementada em 1998. Conforme o departamento de Recursos Humanos da empresa, há uma adequação do cargo às necessidades da pessoa. Como Moreira acredita que o trabalho dá saúde, prefere cumprir as horas diárias em pé.

– Desde os 12 anos, trabalhei em muitas áreas. Mas aí a idade chegou e tive que sair. Mas eu precisava ganhar e também gosto de trabalhar. Foi quando descobri o Angeloni, que é a minha casa – alegria-se, ao acumular 16 anos de trabalho na frente de caixa.



De copeira a Mãe Noel: dona Lourdes Adriano, de 80 anos, acorda de madrugada e mantém a animação diante das tarefas diárias



Aos 60 anos, a cuidadora de idosos Marlene Krüger está prestes a se aposentar e acompanha apreensiva as mudanças na Previdência

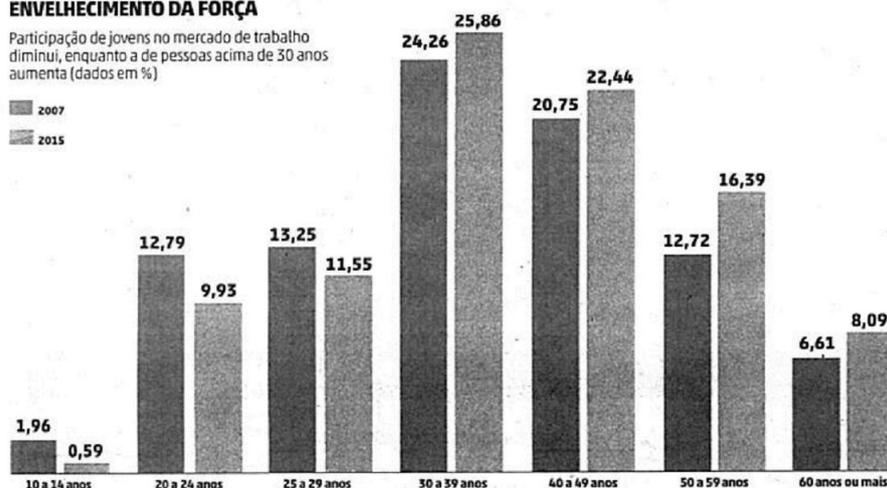


Pedro Pereira Gomes tem 66 anos e conquistou aposentadoria após passar por dois órgãos públicos, mas segue na ativa na Eletrosul

ENVELHECIMENTO DA FORÇA

Participação de jovens no mercado de trabalho diminui, enquanto a de pessoas acima de 30 anos aumenta (dados em %)

■ 2007
■ 2015



OS IDOSOS NO MERCADO DE TRABALHO

- **O NÍVEL DE OCUPAÇÃO** de pessoas de 60 anos ou mais de idade foi de 29,1% em 2014
- **PARA OS HOMENS**, o indicador foi de 41,9%
- **PARA AS MULHERES**, de 18,9%
- **NAS IDADES MAIS AVANÇADAS**, o nível de ocupação é menor, chegando a 30,0% para os homens com 65 anos ou mais e 23,5% para aqueles com 70 anos ou mais
- **MESMO DIMINUINDO** nesse recorte, o nível de ocupação dos homens é superior ao das mulheres em todas as faixas de idade analisadas
- **A MÉDIA DE HORAS TRABALHADAS** foi de 33,9 horas para os idosos de 60 anos ou mais ocupados – valor abaixo do tempo médio para a população total ocupada.

Fonte: Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2015 / IBS

Manter-se ativo é a única alternativa

O economista, mestre em sociologia política e gestão em políticas públicas Eduardo Guerini defende que a ideia do idoso ativo no mercado de trabalho, além de falsa, tem impacto perverso.

– Não existe velhinho esportista aos 80 anos, só no topo da elite brasileira. A maior parte chega aos 60 anos doente. Além disso, as pessoas que contribuíram têm direito de se aposentar. Chega um tempo da vida que é preciso desfrutar. Mas desfrutar com um salário mínimo, como acontece com 90% dos beneficiados, acaba sendo um desafio.

Se pudesse, a cuidadora de idosos Marlene Krüger, 60 anos, preferiria descansar. A mulher de Florianópolis está dando entrada no processo de aposentadoria após 28 anos de contribuição, mas vai continuar trabalhando por tempo indeterminado. Ela se queixa do momento atual em relação à previdência social, que considera instável.

– Comecei a trabalhar aos 14 anos e, naquela época, se falava que era preciso só 25 anos de trabalho. Eu esperava me aposentar com 39. O momento atual é de preocupação, já penso em reprogramar e ver se vale a pena investir em previdência privada – cogita.

Já o pesquisador da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Eduardo Humeres ilustra a elite mencionada por Guerini. Aos 84 anos, o químico aposentado em 2002 continua publicando artigos científicos e orientando projetos de pesquisa, mas de forma voluntária, sem receber a mais por isso. Para ele, é um prazer trabalhar, já que a curiosidade de um cientista nunca morre, mas entende que não reflete a realidade da maioria da população:

– Não é um trabalho que demande força grande. Faço pesquisa, dou poucas aulas, muito diferente de outros professores, que precisam dar aulas todos os dias para sobreviver mesmo com idade avançada.

Por mais que o Estatuto do Idoso garanta o exercício da atividade profissional para esse público, o professor do Departamento de Ciências da Administração da UFSC Eduardo Bosquetti lembra que a permanência dos mais velhos no mercado gera disputa com os jovens. Ele lembra que a reforma previdenciária pode aumentar o desemprego entre os mais novos.

– Nos países desenvolvidos, os aposentados utilizam o tempo em trabalhos voluntários, alavancando iniciativas do terceiro setor. No Brasil, é difícil apontar setores que absorveriam trabalhadores com idade mais avançada – conclui Bosquetti.

Trabalhadores e patrões terão de se adaptar

O desafio de moldar o mercado de trabalho do futuro, quando o país terá mais pessoas com rugas e uma proporção menor de gente com espinhas, será das empresas e de quem busca colocação. Ter tarefas feitas a distância, oferecer diferentes pacotes de benefícios de acordo com a faixa etária dos colaboradores e criar formas de amenizar os choques entre as diferentes gerações são alguns pontos discutidos em seminários e congressos da área, afirma Wolnei Tadeu Ferreira, diretor da Associação Brasileira de Recursos Humanos (ABRH).

– As pessoas mais maduras devem ser consideradas porque têm conhecimento e bagagem cultural valiosa. Podem passar a ser instrutores, multiplicadores de conhecimento. Podem não ter o mesmo vigor e vitalidade, suportarem cargas horárias elevadas, mas podem fazer as tarefas com mais habilidade – exemplifica Ferreira.

Pesquisador da área de mercado de trabalho, Bruno Ottoni, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), entende que as empresas

serão forçadas a investir mais em reciclagem e requalificação dos seus quadros. A atualização será essencial para que os trabalhadores mantenham-se produtivos e competitivos.

– As empresas vão ter de entender que pessoas com experiência têm valor no mercado de trabalho – afirma Ottoni.

MUDANÇAS TECNOLÓGICAS GERAM OUTRO DESAFIO

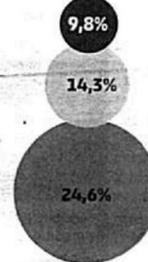
O sociólogo José Pastore, da Universidade de São Paulo (USP), observa que, com a queda da taxa de natalidade, uma proporção menor de jovens no ingresso do mercado de trabalho deve ajudar um pouco a aliviar a concorrência com os mais idosos (que permanecerão mais tempo ocupando seus espaços), mas o ritmo das mudanças tecnológicas vai lançar um desafio para toda a sociedade.

– Se o país não oferecer educação de qualidade, essas pessoas depois não terão condições de se ajustarem nessa transição – alerta Pastore.

Conforme o especialista, diversos estudos sugerem que, nas próximas décadas, várias profissões podem ser extintas. Pelo lado do trabalhador, as necessidades serão semelhantes: reciclar-se, estudar, manter-se capacitado e atualizado para não ser engolido pela evolução tecnológica.

Vivendo mais

PERCENTUAL DE IDOSOS NO BRASIL (EM RELAÇÃO AO TOTAL DA POPULAÇÃO)



PRINCIPAIS PONTOS DA REFORMA

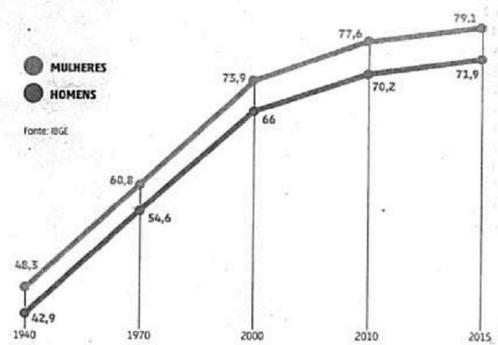
Cria a idade mínima de **65 anos** para se aposentar.

Para ter direito a **100%** do valor do benefício, hoje limitado ao teto de **R\$ 5.189,82**, será preciso ter **49 anos** de contribuição.

Será possível se aposentar com **25 anos** de contribuição, mas nesse caso receberá **76%** do benefício, percentual que vai subindo conforme o acúmulo de anos de contribuição.

Essas regras valem para homens com menos de **50 anos** e mulheres com idade inferior a **45**. A partir dessas faixas, haverá transição e as mudanças serão um pouco mais brandas.

EVOLUÇÃO DA EXPECTATIVA DE VIDA NO BRASIL (EM ANOS)



“

Não existe velho esportista aos 80 anos, só no topo da elite brasileira. A maior parte chega aos 60 anos doente. Chega um tempo da vida que é preciso desfrutar. Mas desfrutar com um salário mínimo, como para 90% dos beneficiados, é um desafio.

EDUARDO GUERINI

Economista, mestre em Sociologia Política e Gestão em Políticas Públicas

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

[Projeto da UFSC cria projeto de ônibus 100% elétrico, o primeiro do Brasil](#)

[Conheça catarinenses que decidiram continuar no mercado de trabalho após os 60 anos de idade](#)

[A solidariedade facilitada](#)

[Manezinho faz parte da equipe que conquistou o primeiro lugar em competição australiana](#)

[Em Florianópolis, projeto da UFSC cria ônibus 100% elétrico](#)